

Aventura entre céu e mar

Quando se viajava somente de barco, na década do 60

Durante os seus primeiros dez anos de existência (1961/70), na prelazia de Abaeté se viajava somente de barco. Precisava uma noite para passar de Abaeté a Belém, um dia para viajar de Belém à cidade de Acará, um dia e uma noite para chegar de Belém a Tomé Açu. Havia algum trecho de rodovia local, perto das cidades, mas se podia chegar lá somente de barco. O barco era depois indispensável entre Abaeté e Belém onde os xaverianos da prelazia gozavam de alguns cômodos junto à Igreja de Nossa Senhora das Mercês. Foi na baía de Guajará, entre o trapiche do Matadouro da Ilha das Onças e a Ilha de Cambu que passamos por uma aventura que podia ser fatal ou definitiva para todos. Éramos nove, sem contar o timoneiro apelidado Tatu (*), isto é mais de dois terços do clero da prelazia, tendo eu chegado da Itália uma semana antes (em 03.02.1966). Eu estava experimentando aquela travessia pela segunda vez, pois estava retornando a Belém após ter transcorrido alguns dias em Abaeté e no Cafezal, um antigo engenho em ruínas feito residência dos xaverianos no município de Barcarena. Dois dias depois teria tomado um barco de linha para me dirigir, com padre Basilio Bosio, à paróquia de Bujaru: cinco horas de barco, pelas águas mais calmas do majestoso rio Guamá, em plena tarde do sábado 11 de fevereiro de 1966.

O problema começou entorno das três horas da tarde quando, deixando o Cafezal e a Baía de Carnapijó, viramos para esquerda e nos apareceu, com toda a sua imponência, a metrópole de Belém a cerca de quinze km. de distância. Havia nuvens no céu e se anunciava a tempestade de cada dia. Estávamos num pequeno barco que era habitação e meio de transporte de padre Joãozinho, pároco do Moju e, movidos pelo instinto, paramos por uma meia hora atracados ao trapiche do lugar chamado Matadouro. Mas o irmão Germano não estava de acordo com o parecer da maioria e deu a ordem de repartir tomando a travessia direta para Belém. O que era como dizer: estamos no baile e temos que bailar.

A que tinham servido nossos vinte anos de estudo e preparação para sermos missionários? Em poucos minutos a nossa vida podia acabar e eu

enxergava este perigo observando o comportamento de Tatu, o nosso timoneiro. Tatu movia a cabeça em sinal de desacordo, enquanto suas pernas tremiam como tremem as pernas do gado quando se aproxima a tempestade sobre as árvores da fazenda. Descendo de uma onda para subir numa outra, o nosso barquinho parecia um avião que cai no chão após ter recebido um golpe de artilharia contra aérea. Quando retoma o caminho para subir numa outra onda, a cidade de Belém aparece ainda pela janelinha de proa mas se comporta como uma película que escapa do seu binário e toma fogo, mandando fumaça negra. Desta maneira, os edifícios da Presidente Vargas nos parecem baldes de gasolina abandonados na neblina de uma estrada que se perde nas águas. As ondas aumentam de potência em vez que dar sinais de se acalmar. A hélice traseira do nosso barquinho anda totalmente acima da água, não gira mais e parece uma peça pendurada em lugar de algo que nos deveria salvar. A situação de desastre se mantém ao longo de pelo menos meia hora. Cada um de nós parece terrorizado e, quem pensa de estar ainda em vida, procura entreter sua alma entre os dentes da boca. Por minha parte me considero corajoso e tranquilo mas alguém que me observou me conta depois que minha cara aparecia branca como roupa de primeira comunhão. Com certeza, alguém se achava mais a vontade do que eu, mas devia depender do fato que era mais acostumado do que eu aos caprichos da baía. Será de fato um destes colegas a achar uma brilhante solução. Quem? O padre João Angius, já missionário no Japão e desde alguns anos vigário no Acará, uma paróquia de dimensões saarianas e cujas quarentas comunidades são alcançáveis somente por barco. Qual foi a ideia milagrosa de padre João? Sem ele dizer nada pra ninguém, se aproximou do Tatu e lhe arrancou de mão o timão do barquinho. Não passaram cinco minutos e o barco mudou totalmente de posição. Em vez de continuar enfrentando as ondas de ponta em direção a Belém, levantando-se até as nuvens e imergindo-se entre os abismos, o barquinho se sentou numa onda como se fosse um berço e deslizou lentamente para o lado direito até parar, cinquenta metros adiante, entre as árvores da Ilha do Cambu, situada no meio da baía de Guajará e posta em fila indiana com a Ilha dos Papagaios.

Visto que o paraíso tinha ficado discretamente longe, e mais ninguém devia preocupar-se em encontrar os anjos acolhedores, entre as águas e as raízes das árvores começamos a cantar melodias italianas populares ou "cantos da montanha". Cantávamos como se tivéssemos nascido o dia antes, mas nem todos. O padre Joãozinho não queria cantar, pois era

preocupadíssimo com o fundo do seu barco ou, talvez, quisesse pedir desculpa pelas condições em que o barco estava viajando. No pique daquela aventura, eu tinha de fato percebido a existência de uns buraquinhos que, da barriga do barco repuxavam águas a jato, como fossem torneiras colocadas ao avesso. Lhe faço observar que o seu cuidado despontava com incrível atraso e que, em lugar de rezar e celebrar com os confrades, seu primário dever teria sido o de tampar aquelas pretenciosas falhas. A que teria servido a sua oração se deixava nos todos em perigo de ficarmos para sempre no fundo da baía? Também as janelinhas de bordo se encontravam em estado deplorável. Sabem o que aconteceu quando a janelinha di prua se abriu e nos inundou a todos com uma lavagem abrupta? O irmão Germano se encarregou do reparo e, tirando do seu sapato um prego fincado na sola, fechou a janela com o maior sossego, nos dando a impressão que tinha já praticado cem vezes aquela operação de salvamento e ninguém tinha direito de se queixar.

Após uma hora de pausa, entre as quatro e cinco da tarde, nos pareceu chegado o momento de retomar a travessia. Mas saindo dos rodeios da ilha, percebemos que as ondas eram ainda fortes e pretenciosas ao ponto de nos obrigar a ficarmos encostados na beira. Só quando passou um batelão dez vezes maior do que o nosso, corremos atrás dele para que cortasse as ondas na nossa frente e chegássemos a Belém como deslizando. O batelão tinha um nome: *Que Deus me ajude*.

SAVINO MOMBELLI

* Eis os nomes dos nove passageiros da aventura: os padres Pio Monchelato, Mario Lanciotti, Joãozinho Urbani, João Angius, Basilio Bosio, Mario Cordani, Giuseppe Zanchi, Savino Mombelli e o irmão Germano Valeriano. Nota do 11 de outubro de 2011.